

POSFÁCIO

A NOVA CHINA: 66 ANOS DEPOIS

POR DOMINGOS LEONELLI

A reedição do livro *Nova China* de Domingos Vellasco pela Fundação João Mangabeira nos ajuda muito a compreender a China do século XXI com seu socialismo de mercado e o cumprimento de uma espécie de profecia feita pelo primeiro-ministro Zhou En-lai na década de 50: “não há forças no mundo que possam impedir que nosso país se converta, em prazo não muito largo, numa poderosa potência industrial florescente e rica”. Ao que Velasco, há mais de 60 anos, acrescentava: “Disso também não duvido.” Como se veria em 2026, ambos estavam certos.

Nova China refere-se ao período de 1949, ano da vitoriosa revolução libertadora chinesa, até o começo dos anos 60 quando se iniciou o Grande Salto liderado por Mao Tsé-tung.

Grande parte do livro é dedicado a demonstrar a profunda e objetiva afinidade entre o cristianismo católico professado ardorosamente pelo socialista Domingos Vellasco e o novo regime socialista chinês inspirado nas ideias materialistas de Karl Marx.

Vellasco que foi um dos fundadores do PSB dois anos antes da Revolução Chinesa, não hesita em afirmar que o socialismo levado à prática pela China é muito mais cristão do que o capitalismo da maior parte do mundo. Ele procura demonstrar isso com a firme orientação do Partido Comunista Chinês em colocar todo o progresso econômico da China a serviço do bem-estar de seu povo, inclusive das crianças e dos idosos, da saúde, da educação, das melhores condições de trabalho e da dignidade de todos os cidadãos.

Domingos Vellasco tinha 61 anos quando escreveu seu pequeno livro, que ele próprio chama de opúsculo, sobre a

Nova China. Ele já havia, àquela altura, cumprido uma longa e profícua trajetória política desde o movimento tenentista de 1920, quando participou da revolta de 5 julho de 1924 em São Paulo e depois apoiando a Revolução de 1930. A partir daí posicionou-se sempre a favor dos direitos dos trabalhadores, dos altos interesses nacionais e do socialismo democrático. E quando fundou a Esquerda Democrática e depois o Partido Socialista Brasileiro, junto com o advogado baiano João Mangabeira e outros intelectuais brasileiros, já havia lido as obras de Karl Marx e agregado às suas profundas convicções cristãs, os principais conceitos econômicos do socialismo. Convenceu-se de que era possível realizar de forma democrática a superação do capitalismo. Vellasco chegou a travar elevado debate com Luiz Carlos Prestes que nos anos 40 do século passado era o grande líder do PCB. Apoiou Getúlio Vargas na defesa dos direitos trabalhistas e na defesa da Petrobrás, mas se opôs firmemente a ele no plano democrático.

Foi, portanto, um experimentado lutador pelo socialismo democrático e um intelectual católico respeitado em todo Brasil que testemunhou a primeira fase da Revolução Chinesa e o início da construção do socialismo no grande país asiático.

NOVA CHINA DE VELLASCO EXPLICA A CHINA ATUAL

Quando afirmo que o livro de Domingos Vellasco nos ajuda muito a compreender a China da terceira década do século XXI é porque o mais recorrente argumento antissocialista é que o progresso alcançado pela segunda

economia do mundo, deve-se, exclusivamente, a abertura às empresas capitalistas realizadas a partir das reformas de Deng Xiaoping ao final da década de 70. O argumento tenta desqualificar o grande esforço revolucionário realizado pelo povo chinês e pelo seu Partido Comunista até a vitória da Revolução em 1949 e depois dela nos primeiros dez anos de socialismo na China. Os dez anos iniciais foram aqueles em que justamente se implantaram as bases sobre as quais evoluiu o projeto nacional de desenvolvimento da China. E sem esse projeto não teria sido possível a abertura de 1978. Um projeto nacional que proporcionou um desenvolvimento industrial pari-passu ao crescimento da produção agrícola. Proporcionou também a formação de mão de obra especializada e de técnicos, num grande esforço educacional, a construção de uma hegemonia cultural revolucionária e o envolvimento de todo o povo no compromisso com a revolução chinesa.

É deste período histórico que nos fala o livro *Nova China* de Domingos Vellasco.

Vellasco começa por nos recordar do significado da Libertação, denominação que os chineses se referem à Revolução de 1949: “Hoje o povo chinês tem consciência de que é dono de sua terra e de seu destino. Tem um governo que se respeita e, por isso mesmo, impõe respeito a todos”. Antes da Libertação, continua Vellasco, “o povo chinês sofreu muito durante séculos, sobretudo no último século. Em Xangai, cita ele na entrada do Jockey Club inglês havia um aviso: “*No allowance to dogs and chinese people*”. “Proibida a entrada de cachorros e chineses.”

A Revolução de 1949 marca uma enorme fronteira entre o passado de fome, miséria, ópio e dominação inglesa e japonesa, que incluiu a proteção norte-americana a Chiang Kai-shek em Formosa e o início da recuperação da independência nacional chinesa. O socialismo chinês é um marco de libertação nacional e, de alguma forma, de retomada do ancestral Império do Meio quando a China se considerava o centro da civilização mundial. Mas o primeiro desafio do novo regime socialista eram os simples e elementares fenômenos que atingiam a maioria do povo: a fome e o frio. Como alimentar e vestir uma população de 650.000.000 de chineses em 1949.

Se ainda hoje, em 2026, metade da população de 1,4 milhões de pessoas vive no campo, em 1949 essa proporção era ainda maior: dos 650 milhões de habitantes, 500 milhões estavam na área rural chinesa.

Assim, segundo Vellasco, “o primeiro problema que o novo governo teve de enfrentar foi o secular problema da fome e do frio que dizimavam milhões de criaturas anualmente. Havia necessidade de produzir alimentos, roupas e combustíveis em grande quantidade. Isso obrigou o governo a cuidar, primeiramente, da produção agrícola o que se fez no período de 1949 a 1951, para depois lançar o Primeiro Plano Quinquenal em 1953, abrangendo a industrialização, a modernização da agricultura, a ampliação da rede de transportes, a formação de técnicos, enfim todos os ramos das da economia e das finanças chinesas. Em 1958, iniciou-se a política do “Grande Salto para a Frente”. Como concluiu seu livro ao final de 1960, Velasco não pôde registrar os resultados

negativos dessa política, tampouco prever sua relação com outro grande desastre político futuro: a Revolução Cultural.

Sempre estabelecendo paralelos entre a China e outros países, inclusive o Brasil, o autor goiano descreve todo o processo político, social e jurídico, da Reforma Agrária chinesa e atribui ao sucesso da mesma o resultado positivo do incrível aumento da produção agrícola da Nova China. “Em dez anos, a China, com um quarto da população da Terra, aumentou em 130% a sua produção de alimentos, enquanto a população cresceu apenas 20%. Em 1949, cada chinês podia comer por ano 399 jin (199,5 kg) de alimentos. Em 1959 ele teve a sua disposição 750 jin (375 kg). Para que se compreenda o que foi essa luta contra a fome, vou comparar o aumento da produção de trigo na China com o de alguns países ocidentais. De 1949 a 1959, o aumento anual foi de 9.75% na China. Na Itália 4.02%. Na França 3.06%. Nos EUA 2.34%. No Canadá 1.55%. Em números absolutos, a China produzia em 1949, 216 milhões de jin (108.000.000 de toneladas) de trigo. Em 1959 a colheita atingiu 500.000 milhões de jin (250.000.000 de toneladas).”

Confirmando as observações de Elias Jabbour, esse grande estudioso do socialismo na China, já agora no século XXI, Domingos Vellasco relata o primeiro Plano Quinquenal de 1953 como grande fator de organização das bases industriais que viriam a ser a infraestrutura do desenvolvimento ulterior da China.

Sempre articulando campo e cidade, produção agrícola e produção industrial, a Comunas Populares constituíam-se nos núcleos de desenvolvimento em toda a China.

Segundo Vellasco, as comunas eram organizadas de forma extremamente democrática com seus dirigentes eleitos por voto direto. E enquanto o Governo tratava da grande indústria pesada, as comunas organizavam as pequenas fábricas.

“Em Hwan-pi foram construídas 14 pequenas fábricas de ferramentas agrícolas pelas autoridades nacionais. As comunas construíram 87 oficinas, as autoridades regionais e brigadas de produção construíram 506 fábricas. Foram empregados 110 mil operários na produção de ferro-gusa. Em quatro meses, 1.012 fornos caseiros fabricaram 4.100 toneladas de ferro e 170 toneladas de aço de segunda ordem. Foram extraídas 50 mil toneladas de minério de ferro. A produção de coque atingiu 2.600 toneladas, a de carvão 1.720 toneladas e a de carvão bruto inferior, 620 toneladas. Essa indústria local aliviou a grande indústria, que pôde ser mobilizada para a produção dos equipamentos pesados e, ao mesmo tempo, incentivou a formação de operários especializados que foram recrutados para ampliação dos quadros industriais mais avançados”.

Continua Vellasco, “... esse desenvolvimento impôs a criação de novos institutos de educação.” E transcreve pronunciamento de Chou En-lai: “Como predisse o camarada Mao Tsé-tung “Com o apogeu da edificação econômica começará inelutavelmente o apogeu da edificação cultural.”

¹. De 1949 a 1958, o número de estudantes de grau superior aumentou de 117 mil para 660 mil alunos e em 1959 subiu para 810 mil. O número das escolas médias especializadas (escolas técnicas) cresceu de 229 mil para 1.470.000 ou seja 5,4 vezes.”

Nos primeiros 10 anos de socialismo, a China já tinha 85% das suas crianças em escolas.

Eis aí a gênese de uma nova China que em 2026 está batendo recordes mundiais em tecnologia, em inteligência artificial e em pesquisa científica.

O GENEROSO E HUMANO SOCIALISMO CHINÊS

Além do progresso material Vellasco dedica grande parte do seu livro ao caráter generoso e humano do socialismo nos primeiros anos da revolução libertadora e do socialismo chinês.

“Realmente, a Lei do Casamento, promulgada logo após a Libertação, revolucionou o milenar sistema matrimonial. Diz logo, em seu artigo primeiro que ‘o arbitrário e compulsório sistema feudal de casamento, que é baseado na superioridade do homem sobre a mulher e que ignora os interesses dos filhos, será abolido’. O texto estabelece a igualdade de direitos, a livre escolha dos cônjuges e a proteção legal dos filhos. O artigo segundo proíbe a bigamia, o concubinato, as núpcias de crianças, a interferência contra o casamento de viúvas e a doação de dinheiro ou presentes em conexão com o casamento.” Segundo Vellasco, “a lei sacudiu a estrutura feudal da China e elevou o nível moral da família chinesa.”

A igualdade entre homens e mulheres e a proteção das crianças tem um profundo significado revolucionário na China dos anos 50. Mas o que levou o nosso socialista cristão às lágrimas foi o cuidado com os velhos: “Estou em LuTai. A comuna tem nove casas para velhos desamparados. Visito uma que abriga 65 de ambos os sexos: um pavilhão para as mulheres e outro para os homens. Tudo modesto, mas limpo.

O doutor que dirige o posto médico explica-me que a casa dos velhos fica sempre junto ao posto... recordo-me dos velhos de todo mundo que vivem sem lar, sem comida, sem roupa, sem parentes e amigos.”

“E, por isso, que lágrimas me vêm aos olhos... E me pergunto: porque um país pobre com 650 milhões de habitantes, pode em dez anos resolver o problema da velhice desamparada, enquanto outros mais ricos e sem as dificuldades da superpopulação ainda permanecem perplexos diante dele?”

Em relação aos cuidados com as crianças, Vellasco registra que a (então) nova Estação Ferroviária de Pequim com 46 mil metros quadrados e construída em apenas 7 meses por 1.800 operários, possui uma característica inédita: a Mu Zi Hou Che Shi uma sala para mães e crianças. “não existe em nenhuma estação ferroviária do mundo que conheço. Não a vi em Nova York, Chicago, Londres, Quebec, Paris, Roma, Amsterdã, Moscou, em São Paulo, Buenos Aires, Tóquio, Istambul, Varsóvia, Leningrado ou Berlim. Há duas na estação de Pequim. Dividida em dois amplos compartimentos, um com toda sorte de brinquedos para que os meninos se distraiam, vigiados pelas mães e pelas nurses que ali trabalham. Outro com iluminação apropriada que serve de dormitório para as crianças e de repouso para mães e gestantes”.

LIBERDADE E DEMOCRACIA

O socialismo trouxe para a China condições de igualdade de direitos, liberdade individual e dignidade que durante séculos de dominação estrangeira “os séculos de humilhação”

- eram negados ao povo chinês. E Domingos Vellasco examina com rara coragem política essas questões na China socialista. Ele começa com uma contestação absolutamente pertinente: “Enfaticamente, o Ocidente chama a si mesmo de mundo livre. Num dos discursos que pronunciou em sua viagem ao Brasil (fevereiro de 1960) o presidente dos Estados Unidos ainda empregou aquela expressão para designar os países que vivem sob o regime capitalista, em contraposição ao mundo escravo, que é formado pelos países socialistas. Naqueles há liberdade, nestes não.”

“Até onde isso é verdade?” - foi a primeira pergunta que me fiz ao entrar na China. Dentre os conceitos de liberdade, o que me parece mais simpático é aquele que a define como o exercício tranquilo do direito. Se o indivíduo goza, pacificamente, de seus direitos, então ele é um homem livre.”

E Vellasco prossegue no seu questionamento indagando se os negros norte-americanos na década de 50 gozavam de plena liberdade. E se os regimes políticos de Salazar, em Portugal, Franco na Espanha, Stroessner no Paraguai, Trujillo na República Dominicana, sob regime capitalista faziam parte do chamado “mundo livre”.

Vellasco cita, inclusive, a teoria das contradições de Mao Tsé-tung para definir quem são os inimigos do povo. Ressalta o direito do Estado chinês de defender o socialismo. Para o povo, subsistem todos aqueles direitos inscritos na Constituição, isto é, a mais completa liberdade democrática, mas para os inimigos do povo - quer dizer, para os que estão contra a China e a favor do retorno à situação anterior, na qual o povo se submetia ao imperialismo japonês e ao regime

de concessões que espoliavam a China - prevalece a ditadura com todas as sanções.”

E para explicar outro conceito político importante na China, o centralismo democrático, Vellasco recorre a outra citação de Mao Tsé-tung: “Não podemos forçar as pessoas que deixem o idealismo, nem podemos obrigá-las a que aceitem o marxismo. Todos os problemas de caráter ideológico, todas as questões litigiosas no seio do povo, podem resolver-se unicamente através de métodos democráticos (os métodos do estudo, da crítica, da persuasão e da educação) e nunca por métodos coercitivos e repressivos.”¹

Como já disse, Domingos Vellasco não poderia adivinhar que as justas palavras de Mao seriam desmentidas pela violência da Revolução Cultural a partir de 1966.

“Cristão e católico romano, fiel à minha Igreja, nada vi na China que repugnasse a fé que professo. Ao contrário disso, encontrei praticados por não cristãos muitos dos preceitos do Cristo.”

Domingos Leonelli – Deputado Federal Constituinte

Coordenador de Formação Política da

Fundação João Mangabeira - PSB

1. MAO TSÉ-TUNG. “Sobre o tratamento correto das contradições no seio do povo”. Discurso proferido na XI Sessão Ampliada da Conferência Suprema de Estado. Pequim, 27 de fevereiro de 1957. In: *Obras Escolhidas de Mao Tsé-Tung. Tradução de Edições em Línguas Estrangeiras da Editora do Povo de Pequim. São Paulo: Alfa-Omega, v. 5, 2012.*



Acervo da família (foto recuperada digitalmente)

Domingos Vellasco e o presidente da República Popular da China, Mao Tsé-tung